

Juros, novo fantasma da economia

As taxas de juros substituíram o fantasma da inflação na cabeça dos consumidores. O raciocínio de apenas olhar se o valor da prestação cabia no salário, ignorando que por trás da promessa de serem parcelas fixas estavam escondidos juros exorbitantes de 14% ao mês (381,79% ao ano) — os maiores do mundo —, mostrou-se um grande engano. Na hora de pagar as contas o valor da prestação não dava mais no salário e

assim iniciava uma bola de neve com o acúmulo de dívidas, mais juros e multas.

O erro foi não levar em conta que o Plano Real foi feito sem congelamento de preços e que os serviços — restaurantes, lavanderias, cabelereiro, lazer, etc — também estavam livres e subiram muito nos últimos meses. Nos primeiros meses do programa, havia muita euforia, com a inflação em queda acentuada e a economia crescendo a todo vapor.

De uma hora para outra o governo percebeu que essa situação aparentemente boa estava pondo em risco o próprio sucesso do plano e decidiu puxar o freio da economia. A sensação de estabilidade no emprego que

muitos estavam sentindo com as indústrias e o comércio em plena atividade começou a ficar ameaçada.

O cenário foi completamente modificado. As taxas de juros que enforcavam os consumidores passaram a afetar também as empresas que já não vendiam mais como antes. A cadeia foi quebrada. As fábricas já não vendem tanto, o comércio está fraco, os consumidores não têm como pagar suas dívidas e a segurança no emprego voltou a ficar duvidosa. Vendendo menos o comércio fica mais dependente do pagamento das vendas feitas no crediário. Os endividados, por sua vez, não conseguem quitar seus débitos em dia e a situação fica apertada para todos.

Reportagem: Paulo Lima (São Paulo); Sonia Joia e Sérgio Fadul (Rio)